

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

JÉSSICA LOPES DOS SANTOS

UM ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTO DE JOVENS EM RELAÇÃO AO
POUPAR OU NÃO SEU DINHEIRO

PORTO ALEGRE

2021

JÉSSICA LOPES DOS SANTOS

UM ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTO DE JOVENS EM RELAÇÃO AO
POUPAR OU NÃO SEU DINHEIRO

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fernanda Tarabal
Lopes

PORTO ALEGRE

2021

JÉSSICA LOPES DOS SANTOS

UM ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTO DE JOVENS EM RELAÇÃO AO
POUPAR OU NÃO SEU DINHEIRO

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Administração.

Conceito Final: A

Aprovado em: Porto Alegre, 19 de 11 de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Dra. Fernanda Tarabal Lopes
EA/UFRGS

Convidada: Prof.^a Dra. Jaqueline Marcela Villafuerte Bittencourt
EA/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram presentes nessa caminhada, meus colegas de trabalho, meus colegas de faculdade, principalmente as colegas que se tornaram amigas, pois a UFRGS nos uniu.

Agradeço a todos os professores que com sua dedicação nos transmitem seus conhecimentos tanto acadêmicos quanto de experiências de vida e nos incentivam a observar o mundo com um olhar mais crítico e atento às nuances.

Agradeço aos entrevistados que, com suas histórias de vida, contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço à minha terapeuta, Lucy, minha confidente, que por inúmeras vezes foi minha maior incentivadora.

Agradeço à minha orientadora, prof.^a Fernanda, por todo auxílio, carinho, paciência e motivação.

Agradeço à prof.^a Jaqueline pela atenção e disposição para ler o meu trabalho e por aceitar participar da minha banca.

RESUMO

O presente estudo busca conhecer e analisar o comportamento dos jovens acerca de poupar ou não poupar dinheiro e as dimensões psicossociais envolvidas nessa tomada de decisão com base nos estudos sobre finanças comportamentais e psicologia econômica e com o auxílio de estudos sobre socialização econômica. Para tanto foi feita uma pesquisa qualitativa onde foram realizadas entrevistas com jovens entre 18 e 40 anos para conhecer um pouco da sua infância, seus aprendizados, suas simbologias atribuídas ao dinheiro e suas percepções sobre ele com auxílio de um roteiro semiestruturado e posteriormente as entrevistas foram analisadas com base na análise de conteúdo. Através das entrevistas foi possível identificar alguns sentidos atribuídos ao dinheiro e vários aspectos e nuances envolvidos na percepção sobre guardar ou não guardar dinheiro e as possíveis consequências dessas decisões.

Palavras-chave: poupar dinheiro; psicologia do dinheiro; tomada de decisão.

ABSTRACT

This study seeks to understand and analyze the behavior of young people about saving or not saving money and the psychosocial dimensions involved in this decision-making based on studies on behavioral finance and economic psychology and with the help of studies on economic socialization. For that, qualitative research was carried out where interviews were carried out with young people between 18 and 40 years old to know a little about their childhood, their learning, their symbolologies attributed to money and their perceptions about it with the help of a semi-structured script analyzed based on content analysis. Through the interviews, it was possible to identify some meanings attributed to money and several aspects and nuances involved in the perception of saving or not saving money and the possible consequences of these decisions.

Keywords: saving money; psychology of money; decision making.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Resumo do perfil dos entrevistados	21
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
3	REVISÃO TEÓRICA.....	13
3.1	O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO: REFLEXÕES A PARTIR DAS FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E DA PSICOLOGIA ECONÔMICA ..	13
3.2	PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO ECONÔMICA.....	15
3.3	SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO DINHEIRO.....	17
3.4	O COMPORTAMENTO DE POUPAR	18
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
4.1	OS ENTREVISTADOS	21
4.2	AS ENTREVISTAS	23
5	RESULTADOS	25
5.1	SITUAÇÃO ATUAL DO BRASIL.....	25
5.2	INFÂNCIA, FAMÍLIA E DINHEIRO	26
5.3	RELAÇÃO COM O DINHEIRO	31
5.4	FUTURO E APOSENTADORIA.....	34
5.5	EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS	39
	APÊNDICE I - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	45
	ANEXO I - TERMOS DE CONSENTIMENTO	46

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente estudo versa sobre o **comportamento dos jovens acerca de poupar ou não poupar dinheiro**. Ter dinheiro é necessário quando se almeja melhor qualidade de vida, acesso à uma melhor educação e de maneira geral melhores oportunidades. Ter um planejamento financeiro é fundamental quando se busca segurança financeira para a vida, assim como o controle das finanças e a reserva de emergência proporcionam mais tranquilidade em momentos de necessidade. No entanto, nem sempre tal situação ocorre, tendo em vista, por exemplo, os atuais índices de endividamento: Uma pesquisa feita pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) em parceria com a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) em 2018 estimou que em janeiro daquele ano havia 4,81 milhões de consumidores negativados com idades entre 18 e 24 anos. O comportamento de não poupar dinheiro pode vir de algumas fontes como aspectos psicológicos e comportamentais desenvolvidos ao longo da vida, questões estruturais (contextos sociais, econômicos, políticos e culturais) de onde se vive e/ou ausência de educação financeira.

A relação com o dinheiro se constrói desde a infância. O pensamento econômico ou socialização econômica “é um processo de aculturação e não apenas de crescimento cognitivo, pois é nas crenças compartilhadas no mundo social que se encontram reflexos da cultura à qual pertence o indivíduo.” (LAUER-LEITE, 2010, p. 146). Segundo estes autores, o desenvolvimento do pensamento econômico inclui “entender conceitos como dinheiro, banco, investimento, poupança, preço e lucro” e esses conceitos

começam a ser aprendidos na infância, sendo melhor compreendidos na adolescência. Na idade adulta, espera-se que o sujeito compreenda não apenas os conceitos, mas também que eles estão inter-relacionados em um sistema, fazendo parte do mundo econômico. (LAUER-LEITE *et al.*, 2010, p. 146)

Nesse processo de aculturação e crescimento cognitivo “as variáveis psicológicas afetam diretamente na decisão das pessoas, seus medos, angústias, alegrias e necessidade de ser notado e amado influenciam seu comportamento econômico” (SILVA, A. 2019, p. 36). Os aspectos psicológicos e comportamentais são estudados pelas finanças comportamentais tendo em vista que os seres humanos não

agem de maneira totalmente racional o tempo todo, nós sofreremos influência de emoções e erros cognitivos (atalhos mentais como excesso de confiança, por exemplo).

Os estudos em finanças comportamentais surgiram no contexto do mercado financeiro, para tratar do comportamento dos investidores, mas têm sido amplamente utilizados quando se trata do endividamento e do hábito de poupar (esse último, foco específico desse trabalho). Segundo o Caderno de Educação Financeira do Banco Central (BACEN, 2013), ao poupar as pessoas acumulam “valores financeiros no presente para serem utilizados no futuro” e alguns dos motivos para poupar são “precaver-se diante de situações inesperadas, preparar para aposentar-se, realizar sonhos, etc.” (BACEN, 2013, p. 43)

Em números, a importância de economizar fica evidente nos seguintes estudos: em uma pesquisa com 125 alunos de graduação em Administração e Economia de duas universidades de Pernambuco, Silva, S. *et al.* (2020) observaram que 78 alunos (62,4%) não possuíam nenhum dinheiro guardado. Cabe ressaltar que desses 125 alunos, 71 exerciam atividade remunerada, onde 97% destes recebiam até R\$2.800,00. Já em Portugal, no trabalho de Ribeiro *et al.* (2013) eles realizaram quatro estudos entre 2009 e 2012 e o primeiro estudo, realizado em 2009, contou com a participação de 550 pessoas com idades entre 12 e 70 anos. Os resultados quanto a poupar foram: 81% dos entrevistados defenderam que, quando se consegue poupar, torna-se mais dono da própria vida e 75% afirmaram que a poupança deve ser motivo de orgulho; 44% entenderam que poupar deve ser mesmo uma obrigação moral de qualquer pessoa e para os entrevistados a poupança está diretamente ligada a tempo (futuro) e dificuldade (percalços ou períodos menos favoráveis da vida, como doença ou desemprego). Sobre esses números vale o destaque para os locais onde foram realizadas as pesquisas, Brasil e Portugal, um país latino-americano e um país europeu com contextos sociais, econômicos e políticos diferentes um do outro.

Com relação a idade, Meirelles (2012) diz que em muitas culturas e inclusive na brasileira, a vida adulta começa a partir 18 anos, onde as pessoas passam a trabalhar, iniciar um curso superior, sair da casa dos pais, desenvolver-se profissionalmente, casar-se, formar uma nova família e a relação com o dinheiro se torna mais forte e mais presente, desde pagar uma conta até decisões sobre aposentadoria. Conforme os jovens avançam na fase adulta aumentam as responsabilidades consigo, com o trabalho, com uma nova família e essa fase

costuma ir até os 40 anos, embora não haja uma regra, mas é importante destacar que “a forma de usar o dinheiro ao longo destes anos influenciará as fases seguintes” da vida (MEIRELLES, 2012, p. 59).

No entanto, ainda que poupar seja considerado algo importante, conforme a literatura apresentada, nem sempre as pessoas optam por essa decisão. Sobre a discussão acerca de tomada de decisões, Simon (apud MOTTA; VASCONCELOS, 2006) aponta que os processos decisórios ocorrem a partir de racionalidades múltiplas, sempre relativas ao sujeito que decide e envolvem questões afetivas, subjetivas e psíquicas desenvolvidas ao longo da sua história, mas também sofrem influência das condições estruturais, culturais e do contexto no qual ele está inserido. Segundo o autor, o comportamento humano muitas vezes é incerto e imprevisto e pode ser influenciado por conflitos e interesses específicos de cada pessoa e que, portanto, o processo de decidir é pautado por uma série de variáveis, dentre as quais destaco aqui as dimensões cognitivas, afetivas, culturais e de poder relacionadas e que perpassam o tomador de decisão. Também é importante destacar a conjuntura social, política e econômica do país e de que forma o tomador de decisão é influenciado por tais questões.

Dado que a decisão de poupar é uma forma de compromisso consigo no presente e no futuro, que permite às pessoas certa independência diante de possíveis imprevistos e problemas ou mesmo poupar para formar uma reserva para aposentadoria, mas que tal tomada de decisão pode sofrer interferência de vieses cognitivos, acreditamos que é importante tomar conhecimento destes e sua influência para o tomador de decisões, pois segundo FERREIRA (2008 apud PRADO, 2012, p. 23) “o esclarecimento da população quanto ao relacionamento entre fatores psicológicos e condição econômica pode resultar na emancipação das decisões e na realização de escolhas”.

Com base no exposto, o presente estudo buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: quais aspectos estão envolvidos na tomada de decisão dos jovens sobre poupar ou não poupar dinheiro? Para tanto, este trabalho foi dividido em: Objetivos, Referencial Teórico, Metodologia de Pesquisa, Análise dos Resultados e Considerações Finais.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Discorrer sobre os aspectos envolvidos na tomada de decisão de jovens acerca de poupar ou não poupar dinheiro.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Aprofundar no conhecimento acerca das dimensões psicossociais envolvidas na decisão de poupar ou não poupar;
- Refletir sobre os significados que os jovens atribuem ao dinheiro;
- Conhecer aspectos ligados às dimensões familiares e aos processos de socialização que possam estar relacionados às percepções de jovens sobre o dinheiro;
- Conhecer os comportamentos desses jovens quanto à motivação e definição de metas para poupar;
- Refletir sobre os aspectos contextuais com foco em fatores ligados às condições sociais, culturais, econômicas e políticas nas quais os jovens estão inseridos.
- Contribuir com estudos sobre o hábito de economizar através do enfoque aos fatores psicológicos;

3 REVISÃO TEÓRICA

Nossa pesquisa tem como base os estudos das Finanças Comportamentais e da Psicologia Econômica sobre os significados do dinheiro e o comportamento humano frente a tomada de decisão.

3.1 O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO: REFLEXÕES A PARTIR DAS FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E DA PSICOLOGIA ECONÔMICA

A necessidade de decidir

surge quando nos defrontamos com um problema que implique a necessidade de escolha e/ou mudança. Podemos dizer que existe um problema quando há um “desvio” entre aquilo que percebemos e as nossas expectativas ou necessidades, ou seja, quando a realidade percebida é diferente do modo como gostaríamos que ela fosse” (PEREIRA; FONSECA, 2009, p. 14 apud ANDRADE; ALMEIDA; PEREIRA, 2019, p. 6).

Os estudos de Herbert Simon (1947; 1960), Simon e March (1958) e Simon e Newell (1972) contribuíram com a teoria sobre tomada de decisão que faz parte das abordagens comportamentais das escolas do pensamento administrativo ao criticar a racionalidade absoluta presente no modelo econômico clássico afirmando que não há uma racionalidade superior e sim múltiplas racionalidades e sempre relativas ao sujeito tomador de decisão.

Motta e Vasconcelos (2006) explicam o modelo da racionalidade limitada formulado por Simon: o cérebro humano possui capacidade de processamento limitada, portanto o tomador de decisão possui limitação física impossibilitando-o de receber e processar cognitivamente todas as informações existentes sobre todas as opções e que então ele se contenta com um número limitado de informações que lhe traduzam uma decisão satisfatória, mas não ótima (como proposto no modelo econômico clássico), porém outras limitações também estão presentes no processo de tomada de decisão como os aspectos subjetivos relacionados a pressões afetivas, culturais e jogos de poder. Os autores acrescentam que a lógica de decisão de indivíduo é influenciada por um efeito de posição, ou seja, pelo seu presente e pelo seu passado, pois “depende da posição que o indivíduo [...] ocupa em um contexto de ação específico e que condiciona o seu acesso às informações pertinentes” (MOTTA; VASCONCELOS, 2006, p. 100) e por um efeito de disposição pois “a decisão depende

das características mentais, cognitivas e afetivas do indivíduo que decide [...] partes pré-formadas por sua socialização passada”. (BOUDON, 1991 apud MOTTA; VASCONCELOS, 2006, p. 100)

As finanças comportamentais tomaram forma a partir de estudos dos psicólogos Kahneman e Tversky (1979) formuladores da teoria do prospecto onde constataram a aversão à perda, um dos pilares da teoria juntamente com a racionalidade limitada formando o outro pilar. De forma sucinta, YOSHINAGA *et al.*, (2008, p. 29) explicam a teoria do prospecto proposta por Kahneman e Tversky (1979):

- Ganhos e perdas são avaliados relativamente a um ponto neutro de referência;
- Resultados potenciais são expressos em termos de ganhos ou perdas relativos ao ponto neutro fixado;
- As escolhas são regidas por uma função de valor em forma de “S”;
- A maneira como o problema é apresentado (perspectiva) pode alterar o ponto neutro de referência;
- A dor associada à perda de \$X é maior que o prazer associado ao ganho do mesmo \$X;
- Há uma tendência a superavaliar eventos de pequena probabilidade e a subavaliar eventos de média e grande probabilidade.

Tendo em vista a racionalidade limitada, os vieses comportamentais e as heurísticas afetam a tomada de decisão dos investidores. Para Lima (2003, p. 6) “o processo humano de decisão está sujeito a diversas ilusões cognitivas” e estas podem ser “ilusões derivadas de processos de decisão heurísticos e ilusões causadas pela adoção de crenças práticas tendenciosas [e enviesadas] que os predispõem a cometer erros” (p. 6).

Os processos heurísticos “são atalhos mentais que facilitam a tomada de decisão, tornando-a mais rápida, porém menos racional e mais passiva a distorções” (LUCENA; MARINHO, 2013, p. 3) e resultam em ilusões como:

- Representatividade (proposta por Kahneman e Tversky em 1979): “tendência dos tomadores de decisão se basearem em estereótipos, isto é, enxergarem modelos de procedimentos práticos, onde talvez não existam”. (LIMA, 2003, p. 7)
- Excesso de confiança: “as pessoas se sentem acima da média com relação a algumas habilidades”. (LUCENA; MARINHO, 2013, p. 3). No caso dos investidores, “acreditam que suas informações são melhores e

mais confiáveis que as dos outros que atuam no mesmo mercado.”
(LIMA, 2003, p. 7)

- Ancoragem (padrões históricos): “as pessoas se utilizam de âncoras, valores iniciais, para obter uma resposta final” e ao fazer isso “desconsideram que decisões tomadas em contextos similares podem apresentar-se diferentes quando assumidos valores de referência distintos”. (LUCENA; MARINHO, 2013, p. 4)

Para compreender essas heurísticas e vieses comportamentais surgiu a Psicologia Econômica, que segundo Kirchler e Hölzl (2003 apud PRADO 2012, p. 34),

envolve uma busca para compreender a experiência humana e o comportamento humano em contextos econômicos, de maneira diferente da realizada pela economia, que utiliza modelos econômicos normativos, mas sim, fornecendo modelos econômicos descritivos, a respeito de seu objeto de estudo, que são as decisões sobre o uso de recursos escassos, objetivando satisfazer diversas necessidades humanas.

De maneira complementar, Ferreira (2008 apud PRADO, 2012, p. 34) considera que

a Psicologia Econômica objetiva estudar o comportamento dos indivíduos (enquanto agentes econômicos), grupos, governos e populações no intuito de compreender como a economia influencia o indivíduo, e por sua vez, a contrapartida, que envolve a influência do indivíduo na economia, tendo como variáveis pensamentos, sentimentos, crenças, atitudes e expectativas.

A Psicologia Econômica hoje é um campo abrangente, mas para nosso estudo sobre os fatores subjetivos que interferem no comportamento dos jovens frente ao dinheiro utilizaremos a sugestão de Moreira (2000 apud PRADO, 2012, p. 33-34) que cita entre os principais assuntos estudados pelos psicólogos a socialização econômica (como as crianças se relacionam com o dinheiro) e a psicologia do dinheiro (qual o significado do dinheiro e como as pessoas se relacionam com ele dependendo de como obtiveram) dentre outros, pois esses assuntos vão nos elucidar os aspectos imateriais relacionados ao comportamento humano quanto ao dinheiro desde a infância.

3.2 PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO ECONÔMICA

Sabemos que conceitos econômicos divergem entre crianças e adultos. Moreira (2000, p. 56 apud PRADO, 2012, p. 41) define socialização econômica como:

o estudo de como as crianças aprendem sobre conceitos econômicos, em quais estágios de desenvolvimento, como os pais e a escola atuam nessa socialização, como o dinheiro afeta o comportamento de crianças e que variáveis demográficas afetam a socialização econômica.

Segundo Lewis, Webley e Furnham (1995 apud LAUER-LEITE *et al.*, 2010, p. 145), “hábitos de gastar, guardar, investir, jogar e comprar são estabelecidos na infância ou adolescência e o seu entendimento possibilita a intervenção e melhora na formação econômica dos futuros consumidores.”

O avanço no desenvolvimento cognitivo das crianças permite o progressivo entendimento sobre o dinheiro que vai sendo construído a partir da família, pois “a família é a principal célula de transmissão dos valores [...] e por isso é um importante agente de socialização econômica” (MEIRELLES, 2012, p. 33). As atitudes e comportamentos dos pais têm importante contribuição para os significados que as crianças atribuem ao dinheiro e seu uso seja pelos ensinamentos feitos ou servindo de modelos (positivos ou negativos) já que as crianças observam os hábitos e atitudes dos pais quanto ao dinheiro, por exemplo, quando estão comprando ou vendendo algo.

Como explicam Lunt e Furnham (1996 apud LAUER-LEITE *et al.*, 2010, p. 149) “na infância, os pais instalam nos filhos suas próprias crenças sobre economia, mediante recompensas e sanções” e “as ‘mensagens’ sobre aspectos econômicos da vida transmitidas dos pais para os filhos influenciam nas concepções que estes têm mais tarde”. (LAUER-LEITE *et al.*, 2010, p. 149).

Segundo Granja (2012), as crianças precisam administrar e dar sentido às informações que recebem dos pais (quando escutam que tal produto está mais caro), dos meios de comunicação (quando o jornalista fala sobre a inflação daquele mês) ou das próprias relações de compra e venda (quando percebem que as mercadorias chegam às lojas em caminhões). Inicialmente a criança precisa compreender os mecanismos de troca e a sua relação de equivalência numérica para que não veja como uma troca vazia de significado e então desenvolver o entendimento de que o dinheiro gasto no pagamento de algum produto está relacionado com aquele produto.

Para que iniciem o contato direto com o dinheiro algumas famílias consideram educativa a inserção da “mesada”, um valor dado aos filhos com certa frequência para que eles possam utilizar como quiserem e na pesquisa de Lellis (2007, p. 66) com 32 pais de renda média e baixa (no Brasil) os pais afirmaram que a “mesada era uma

estratégia educativa para que os filhos aprendessem a administrar o dinheiro, serem econômicos e responsáveis nessa tarefa”.

Conforme avança a compreensão das crianças e adolescentes sobre os conceitos econômicos e também seu contato com o dinheiro em si, vão se estabelecendo e se tornando mais claras as diversas relações como o consumo, os conflitos, os significados, a importância e as crenças de cada pessoa do grupo social quanto a ele.

3.3 SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO DINHEIRO

Para Gomes (2008), o dinheiro possui seis funções distintas: medida de valor (expressa o valor da mercadoria); meio de circulação (intermedeia trocas de mercadorias); meio de entesouramento (reserva para aquisição futura); meio de pagamento (transações a prazo, empréstimos, pagamento de tributos); meio de acumulação (guardar dinheiro para pagar obrigações financeiras); dinheiro universal (permite transações entre comunidades distintas, países distintos), mas ele não é apenas uma moeda de troca, ele é complexo e impessoal, participa de todos os momentos da vida econômica cotidiana e pode ter muitos significados. Diante dessa complexidade a Psicologia do Dinheiro busca entender como as pessoas desenvolvem esses significados, quais são eles e como o dinheiro interfere no comportamento dos indivíduos (CENCI; HABIGZANG, 2015; LAUER-LEITE *et al.*, 2014; MOREIRA, 2002).

Para Moreira (2002) o dinheiro pode ter significados positivos e negativos, que variam de pessoa para pessoa de acordo com suas crenças: Poder - fonte de autoridade, prestígio e reconhecimento social; conflito nas relações interpessoais, desconfianças, desavenças, falsidade; prazer, felicidade, autoestima, harmonia nas relações interpessoais; progresso para as sociedades e humanidade, capaz de resolver problemas sociais; cultura - promove desenvolvimento cultural em geral e desenvolvimento das ciências, arte, tecnologia; desapego quando relacionado a espiritualidade, solidariedade e generosidade; sofrimento quando envolve desequilíbrio emocional como angústia, depressão; desigualdade, segregação e preconceito quando associado a demarcação do espaço social; estabilidade e segurança por assegurar as necessidades básicas.

Diante desses significados e de tantos outros percebe-se que o dinheiro tem influência na autoestima, nas perspectivas de sucesso ou fracasso, a quantidade que uma pessoa possui pode passar uma ideia de si ao grupo social ao qual pertence. Para Simmel (2007 apud MEIRELLES, 2012, p. 25) “os fenômenos econômicos não são mais fatos econômicos, mas também possuem dimensão psicológica, ética, estética, histórica, sociológica e filosófica”.

Meirelles (2012) afirma que as pessoas constroem suas realidades financeiras utilizando o dinheiro de acordo com suas necessidades, seus desejos, expectativas e os significados que elas atribuem a ele por estarem envolvidas pelas normas sociais, pelos traços de personalidade, pelos laços familiares e pelo contexto socioeconômico, mas constata em sua pesquisa que o dinheiro vem sendo fonte de conflitos familiares muitas vezes de forma velada. O dinheiro em si não é o problema, mas os significados atribuídos a ele e a forma como ele é utilizado foram apontados na percepção de adolescentes como motivo de conflito conjugal e divórcio. (TOLÓI, 2006).

Mesmo o dinheiro estando totalmente presente em nossas vidas, falar sobre ele ainda é um tabu para muitas famílias e uma consequência disso está em os filhos se tornarem adultos com atitudes irracionais, com crenças e ansiedades relacionadas ao dinheiro e com dificuldade de utilizá-lo de forma correta e levarem consigo tais sentimentos para suas futuras relações. (CENCI; HABIGZANG, 2015; MEIRELLES, 2012).

3.4 O COMPORTAMENTO DE POUPAR

Quanto a economizar, a incerteza sobre o futuro é um fator decisivo quando se fala sobre. Ferreira (2008 apud PRADO, 2012, p. 37) aponta que as motivações para poupar abrangem:

estágio para atingir um objetivo de curto ou médio prazo; precaução ante imprevistos que possam ocorrer no futuro; hábito de fazer poupança; destinar o montante não consumido da renda para a poupança (poupança residual); disposição individual para poupar; gerenciar o fluxo de caixa; aquisição de bens duráveis; melhorar de vida; independência, dentre outras.

O comportamento de poupar está relacionado a uma “combinação de fatores como autocontrole, visão de futuro, motivação e metas” (PARENTE *et al.*, 2013, p. 3).

Sobre o autocontrole, Hoch e Loewenstein (1991, p. 493, tradução nossa) afirmam que é “uma batalha entre duas forças psicológicas de desejo e força de vontade” e “o esforço de resistir aos desejos de consumo presente com propósito de guardar estes recursos para uso futuro”, já Baumeister (2002, p. 671, tradução nossa) diz que o autocontrole “depende de padrões, de um processo de monitoramento e de capacidade operacional de alterar o comportamento” e esclarece que os padrões são os objetivos, ideais, uma pessoa que tem objetivos bem definidos dificilmente perderá o controle (quanto a poupar), já pessoas que por algum motivo estejam se sentindo incomodadas apresentarão um comportamento de sofrimento emocional e isso pode as induzir a consumir (falha no autocontrole); o processo de monitoramento, nesse contexto é acompanhar cuidadosamente os ganhos e gastos de dinheiro (fiscalizar o comportamento dos gastos, principalmente); e a capacidade de alterar o comportamento é fazer o que for preciso para resistir à tentações (de compra).

Baumeister realizou vários experimentos (Baumeister *et al.* 1998; Muraven; Baumeister; Tice, 1999; Muraven; Tice; Baumeister, 1998) e verificou que ter clareza sobre o autocontrole e sobre as tomadas de decisões demanda muita energia e por isso as pessoas tendem a não pensar muito e algumas têm mais problemas com autocontrole do que outras sugerindo que o autocontrole esteja relacionado com certo aspecto da personalidade e que então para o autor algumas pessoas estariam mais propensas a prejudicar seus objetivos de poupar no longo prazo ao receberem estímulos para tal, mas nesses mesmos estudos verificou-se que ao transformar as compras regulares em um padrão e criar e manter o hábito de economizar esses objetivos estariam preservados.

Sobre visão de futuro ou o quão distante está um evento pode afetar as decisões de uma pessoa, Hershfield *et al.* (2011) afirmam que as pessoas têm dificuldade de se conectar ao futuro. Segundo eles, para as pessoas que não têm consciência de seu futuro “eu”, poupar é uma escolha entre gastar o dinheiro agora ou dar esse dinheiro para um estranho daqui uns anos. Existe uma conexão psicológica entre o indivíduo e seu “eu” futuro e o grau dessa conexão influencia a pessoa a se reconhecer como futuro destinatário e isso afetará sua disposição para economizar. Nesse contexto, Parente *et al.* (2013, p. 4) supõem que “os mais jovens sejam menos sensíveis à predisposição de poupar do que as pessoas de meia idade” dado que “os mais jovens tendem a ter maiores dificuldade de se imaginar no futuro e por consequência poupem menos”.

Quanto às motivações e metas, as pessoas podem poupar pensando na aposentadoria, para adquirir um bem de alto valor, como uma casa ou carro, fazer uma viagem ou qualquer outro objetivo que tenham em mente e ao criarem planos específicos terão maiores chances de realizar suas metas em comparação àquelas que agem apenas com base na mera intenção. (PARENTE *et al.* 2013). Preocupados em como traduzir metas em ações, Soman e Zhao (2011) observaram em sua pesquisa que a definição de uma única meta pode resultar em maiores resultados na economia feita do que várias metas de economizar e esse fato se dá, segundo eles, porque se as pessoas tiverem vários objetivos estes irão competir pelo recurso monetário limitado (eles exemplificam que a cada dólar que as pessoas economizam para a educação de seus filhos é um dólar que não podem economizar para a aposentadoria) e pensar sobre essa compensação impossibilita que as pessoas adotem uma mentalidade de implementação. No entanto, quando as pessoas têm apenas uma meta, não precisam mais decidir a qual delas se dedicar primeiro e têm maior probabilidade de passar para o segundo estágio da busca pela meta que é pensar sobre a implementação dela. Como resultado, seu compromisso com a tarefa em questão (ou seja, economizar) será mais forte e sua intenção de economizar será maior. Esse resultado pode ser de grande valia como estratégia para os jovens que desejarem desenvolver o hábito de economizar, no entanto devemos sempre ter em mente que as questões comportamentais também estão relacionadas ao contexto social, cultural, econômico em que eles vivem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos, foi feita uma pesquisa qualitativa, pois esta envolve a coleta de uma variedade de materiais empíricos “que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos da vida dos indivíduos”. (DENZIN; LINCOLN, 2006 apud ROMAN; MARCHI; ERDMANN, 2012, p. 134). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que embora tenham como base o roteiro apresentado no apêndice desse trabalho, possibilitam a adaptação dele conforme o desenrolar da conversa.

4.1 OS ENTREVISTADOS

O grupo de entrevistados é composto de sete¹ jovens da faixa etária de 18 anos a 40 anos (inspirada no trabalho de Meirelles², 2012), sem filhos (pois os filhos exigem gastos extras e podem dificultar o poupar) que foram ouvidos individualmente. Esses entrevistados são alguns amigos nossos que foram convidados a participar da pesquisa onde buscamos pessoas mais próximas por se tratar de um assunto delicado e íntimo como é o dinheiro. Foram consideradas para o estudo pessoas que se dispuseram a conversar sobre seu comportamento de poupar ou não dinheiro. Desses sete jovens, dois foram entrevistados pessoalmente, dois foram entrevistados via videochamada pela plataforma Zoom® e os outros três foram através de mensagens de áudio e texto no aplicativo para *smartphones* Whatsapp®. Para preservar as identidades dos entrevistados utilizamos nomes fictícios.

No quadro 1, um resumo do perfil dos entrevistados:

Quadro 1: Resumo do perfil dos entrevistados

ENTREVISTADO	IDADE	GÊNERO	FORMAÇÃO
Julia	23 anos	feminino	Cursando administração
Mariana	32 anos	feminino	Técnico em Administração

¹ Não há um motivo específico para serem sete, apenas para serem feitas e analisadas as entrevistas em tempo hábil para a pesquisa.

² Em sua tese, Valéria Meirelles analisou atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao uso do dinheiro ao longo da vida adulta.

Marcela	29 anos	feminino	Cursando Administração
Luciana	29 anos	feminino	Administração
Vanessa	27 anos	feminino	Cursando Administração
Alessandra	34 anos	feminino	Nutrição
Murilo	28 anos	masculino	Engenharia Civil

Fonte: A autora.

Todos os entrevistados estudaram em escola pública durante o ensino fundamental e médio.

JULIA: Nascida em Porto Alegre, morou com os avós na praia até os 4 anos e depois que sua mãe parou de trabalhar (para cuidar da saúde da filha pequena) voltou a morar com os pais e a irmã mais velha na capital. Começou a trabalhar aos 14 anos como jovem aprendiz.

MARIANA: Nascida em Porto Alegre. É a filha do meio de uma família de 5 irmãos que foram criados e sustentados pela mãe que sempre trabalhou como doméstica em casas de família. Aos 12 anos acompanhava sua mãe no trabalho e ganhava um valor em dinheiro do patrão da mãe por ajudá-la. Pagou seu curso técnico em administração com o seu trabalho.

MARCELA: Morou em Gravataí com os pais até os 9 anos quando os pais se separaram. Depois da separação ela e a mãe passaram a morar em Porto Alegre. Tem um irmão 15 anos mais velho que não morou junto com elas.

LUCIANA: É a irmã mais velha de três irmãos. Cresceu em Gravataí e depois dos 13 anos se mudou com a família para Cachoeirinha. Quando tinha seus 10 ou 11 anos saía de bicicleta com o irmão para oferecer e vender os pães e bolos que a mãe fazia para contribuir na renda da família. Aos 12 anos dava aulas particulares para ajudar uma colega.

VANESSA: Nascida em Caxias do Sul onde morou com os pais e mais duas irmãs (uma mais velha e outra mais nova) até os 18 anos quando se mudou para Porto Alegre com a intenção de fazer graduação.

ALESSANDRA: Nasceu e cresceu em Porto Alegre com os pais e o irmão. Fez a graduação em Nutrição na PUCRS com bolsa de 100% do PROUNI.

MURILO: Nasceu em Vacaria, onde morou até os 6 anos depois mudou-se com os pais e o irmão menor para Porto Alegre onde vivem atualmente e pagou sua graduação (curso noturno) em Engenharia Civil na PUCRS trabalhando durante todo o período do curso.

4.2 AS ENTREVISTAS

Foram realizadas entrevistas temáticas, uma forma reduzida de trabalhar história de vida, pois segundo Neves (2003, p. 33) as entrevistas temáticas “se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados [...] podem constituir desdobramentos dos depoimentos de história de vida” e que portanto se encaixaram perfeitamente em nosso estudo já que buscamos conhecer os significados que os jovens atribuem ao dinheiro, as influências externas sofridas por eles e de maneira geral como esses fatores intangíveis influenciam seus comportamentos quanto a economizar e para isso precisávamos conversar com esses jovens, ouvir relatos que envolvem o dinheiro e suas experiências com ele. Conforme Souza (2014, p. 45),

além de conhecer as condições objetivas de vida dos sujeitos, é necessário compreender o sentido que dão ao seu meio, a sua situação e a suas ações (o sentido que constroem), o que só poderá ser feito no âmbito de uma história de vida.

As conversas foram gravadas mediante autorização dos entrevistados e posteriormente transcritas em sua integralidade e os dados foram analisados através da análise de conteúdo, que visa identificar o que está sendo dito a respeito do tema com o auxílio de uma grade aberta onde identificamos as categorias após transcrição das entrevistas.

Segundo Vergara (2005, p. 16) a análise de conteúdo atende “tanto aos fins exploratórios, ou seja, de descoberta, quanto aos de verificação, confirmando ou não hipóteses ou suposições preestabelecidas”. Para que seja feita corretamente ela “exige categorias exaustivas, mutuamente excludentes, objetivas e pertinentes”. Através da análise de conteúdo “grandes quantidades de dados podem ser tratadas, bem como armazenadas com o auxílio de programas de computador. A interpretação, contudo, cabe ao pesquisador”. Entretanto, a autora salienta que “corre-se o risco, quando se detém nas freqüências, de perder-se o que está ausente ou é raro (BAUER; GASKELL, 2002), porém relevante para a análise do objeto de estudo”. (VERGARA, 2005, p. 16), por isso não buscamos um número maior de pessoas, pois correríamos o risco de perder informações importantes em meio a tantos relatos.

Para proceder com a análise das entrevistas, foram selecionadas algumas falas dos entrevistados consideradas relevantes para o estudo e de acordo com a semelhança entre elas foram divididas em temas de estudo com o objetivo de estabelecer uma correspondência entre esses relatos e os dados teóricos sobre os significados do dinheiro e o comportamento humano frente à tomada de decisão sobre poupá-lo ou não.

5 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises dos dados qualitativos obtidos através das entrevistas, portanto dividimos em alguns tópicos para facilitar o entendimento dos temas, tópicos estes que seguem uma ordem cronológica de desenvolvimento das pessoas: a relação com o dinheiro na infância, a relação familiar com o dinheiro, adolescência e fase adulta e as questões sobre futuro e aposentadoria. Porém, antes de apresentar os resultados propriamente ditos, precisamos situar essas pessoas no contexto brasileiro, pois os entrevistados trouxeram uma riqueza de detalhes sobre sua infância, as relações familiares, os aprendizados que tiveram, que se faz necessário contextualizar o momento atual vivido em nosso país, para que possamos compreender algumas angústias e incertezas apresentadas por eles, pois como já discutimos o contexto socioeconômico vivido influencia no comportamento e na tomada de decisão de cada pessoa.

5.1 SITUAÇÃO ATUAL DO BRASIL

Nos últimos 30 anos o Brasil passou por várias mudanças sociais e econômicas. Houve um período de hiperinflação que foi sendo amenizado com a criação do plano real em 1994. A partir da implementação do plano real a economia mostrou sinais de melhora³ e o país conseguiu estabilizar os preços, no entanto, o poder de compra dos brasileiros ainda não era elevado, pois como vimos anteriormente no final da década de 90 a cesta básica comprometia em torno de 80% do salário mínimo. Com a estabilização dos preços, nesse mesmo período houve um aumento no nível de renda e uma melhor distribuição no rendimento segundo o INAE (2004). Os brasileiros passaram a contar com um aumento real no salário mínimo e nos anos seguintes, segundo o IPEA (2015, p. 9): “[...] houve forte expansão do consumo das famílias, em particular daquelas cuja renda principal deriva-se de ocupações com remuneração direta ou indiretamente afetada pelo salário mínimo.” Ainda conforme o IPEA (2015), aliado ao aumento real do salário mínimo e à formalização do trabalho assalariado, cresceu também a oferta de crédito ao consumidor, o que permitiu que as pessoas pudessem aumentar seu poder de compra

³ Entre 1990 e 1999 o PIB cresceu em média 1,7% a.a. segundo BNDES (1999)

e modificar seu padrão de consumo e conforme as pessoas aumentam seu poder aquisitivo aumenta também o seu consumo por causa da nova gama de produtos e serviços criada e que passa a ser oferecida.

Avançando alguns anos, mais especificamente após 2016, fatores relacionados ao desemprego, alimentação, educação, saúde, saneamento, habitação e transporte continuam atrelados às crises econômicas. Assim a alta da taxa de inflação amplia os problemas de distribuição de renda no país e contribui para a queda do PIB. Fazendo um comparativo referente ao poder de compra das famílias, segundo DIEESE o valor da cesta básica no mês de outubro de 2021 era de R\$690,00 enquanto o salário mínimo atual é de R\$1100,00, portanto aproximadamente 63% do salário estaria comprometido com a alimentação básica somado a isso temos o situação relacionada à Previdência social, cuja filiação torna-se cara tendo em vista que o valor destinado a ela faz falta na renda das famílias mais pobres⁴.

No contexto de trabalho e seguridade social, as reformas ocorridas nos últimos anos (reforma trabalhista em 2017 e reforma da previdência em 2020) trouxeram maior insegurança aos trabalhadores, pois dentre as medidas adotadas a reforma trabalhista precarizou as relações de trabalho e a segurança jurídica envolvida e a reforma da previdência postergou o direito que muitos trabalhadores já haviam adquirido de se aposentar, criando novas regras para a concessão dos benefícios e dificultando o acesso à aposentadoria.

5.2 INFÂNCIA, FAMÍLIA E DINHEIRO

Para dar início às entrevistas os jovens foram indagados quanto às lembranças da sua infância no que tange ao dinheiro, como era a relação da família ao lidar com dinheiro e possíveis fatos que tenham lhes marcado a memória.

Quase todos relataram que na sua infância as famílias não tinham muitas condições financeiras para atender aos desejos das crianças e que frequentemente os pais diziam que não se tinha muito dinheiro, por exemplo na fala do entrevistado Murilo: “Na minha infância eu lembro que meus pais sempre me diziam que não podiam comprar muita coisa pois era caro e no momento não daria pra ter” e na fala

⁴ Dependendo da situação a contribuição descontada dos empregados é de 8%, enquanto a contribuição para autônomos é de 20% do rendimento bruto.

da entrevistada Marcela: “[...] as coisas eram apertadas, claro não se passava fome, não se passava necessidade, mas... nunca também podia esbanjar. Uma vida simples, bem controlada”.

Aliado à descrição dada pelos entrevistados quanto à sua situação econômica na infância consideramos importante contextualizar a situação socioeconômica da época na região metropolitana de Porto Alegre e para isso buscamos os dados fornecidos pelo IBGE publicados na Síntese de indicadores sociais 2000 (p. 216) que apresenta uma série de informações sociais e demográficas com base nos anos de 1992 e 1999, e utilizando como referência as informações de 1999, ano em que a maioria dos entrevistados era criança (com exceção da Julia que nasceu em 1998) no Rio Grande do Sul, mais especificamente na região metropolitana de Porto Alegre onde viviam 1.106.093 famílias: 8,7% viviam com até $\frac{1}{2}$ salário mínimo, 17,7% destas viviam com $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo, 26,5% das famílias viviam com mais de 1 até 2 salários mínimos, 13,1% viviam com mais de 2 a 3 salários mínimos, 12,7% viviam com mais de 3 a 5 salários mínimos e 17,3% viviam com mais de 5 salários mínimos que em 1999 era de R\$136,00 (IBGE, 2001, p. 216) portanto, quase 53% das famílias residentes em Porto Alegre e Região metropolitana em 1999 viviam com até 2 salários mínimos.

Com o salário mínimo de R\$ 136,00 era possível comprar 1,25 cestas básicas em 1999 segundo o DIEESE (2012), ou seja, a cesta básica custava R\$108,80, portanto o poder de compra das famílias era um tanto limitado e tal informação se configura importante porque “é dentro da família que a renda é reunida para organizar um orçamento comum que satisfaça as necessidades de cada membro. O rendimento adquirido pela família é, basicamente, o que define suas possibilidades de utilização de bens e serviços.” (IBGE, 2001, p. 206).

Para trabalhar a socialização econômica das crianças, uma maneira de introduzir o assunto “dinheiro” era pelo uso de “cofrinhos” (receptáculos onde podem guardar suas moedas), que serviam como ferramenta para ensinar sobre guardar dinheiro então perguntamos aos entrevistados se na sua infância eles tiveram contato com cofrinho. Julia afirmou que tinha e o “alimentava” com gosto: “[...] o cofrinho (risos) o objetivo dele... era comprar picolé no verão [...], mas no aniversário ou dia das crianças eu podia abrir o cofrinho” assim como Alessandra: “Lembro de ter tido cofrinho, sim [...] nunca consegui guardar nada muito significativo. Sempre pegava antes”, ao contrário de Marcela: “eu nunca tive o hábito de guardar, nunca fui

incentivada a isso também e olha, honestamente, eu não lembro nem de ter um cofrinho”. Mariana e Vanessa afirmaram que também não tiveram esse contato inicial com o ato de guardar dinheiro via cofre.

Ao contrário do cofrinho, os brinquedos estiveram presentes na infância de todos os nossos entrevistados. Existem brinquedos das mais variadas formas, tamanhos e cores para atender a todos os gostos. Algumas crianças possuem em grande quantidade, outras nem tanto, mas o fato de possuir um brinquedo pode estabelecer uma relação de “poder” entre as crianças e foi nesse sentido que Vanessa se sentiu de certa forma inferiorizada: “eu era sempre aquela criança que os vizinhos tinham os brinquedos, os colegas da escola tinham os brinquedos, eu sempre era a que nunca tinha e aí usava os brinquedos dos outros aí eles iam embora ‘isso é meu’ e eu ficava...”. Já para Murilo o fato de não possuir e não poder comprar determinado brinquedo embora tenha lhe chateado na época, não parece ter criado uma impressão negativa sobre a condição financeira da família

Eu lembro uma vez que eu queria um boneco daqueles de coleção grandes que tinha no mercado, mas que era caro e o meu pai disse que esse ele não podia dar porque era muito caro pra colocar o dinheiro num brinquedo. Na hora fiquei chateado, mas hoje eu entendo que temos que dar importância primeiro pras coisas que são úteis e essenciais e de sobrar dinheiro daí sim gastar com coisas supérfluas. (Murilo)

Se tratando das recordações referentes à família alguns entrevistados trouxeram exemplos que os influenciaram na visão sobre o dinheiro, como nas falas de Luciana: “[...] os meus pais não tinham condições de muitas coisas então a gente cresceu aprendendo a dar muito valor em relação a qualquer coisa que a gente tivesse em casa, [...] poupar aquilo ali, tinha que repartir” e Murilo: “[...] desde pequeno eu aprendi a esperar ter o dinheiro para comprar o que queria”.

Luciana também contou que a partir do que aprendeu sobre o valor das coisas ela também desenvolveu o hábito de poupar e repartir o que tivesse, bem como aprendeu a valorizar o trabalho e evitar ao máximo qualquer desperdício.

A entrevistada Vanessa tem lembranças marcantes da sua infância com relação aos exemplos do seu pai, que era o provedor da família (lembranças essas que ela mesma chamou de traumas):

[...] quando eu era criança o meu pai era melhor financeiramente do que ele é hoje, bem melhor do que ele é hoje e ele nunca comprou nada pra mim, nunca, ele era aquele pai que dizia assim “oh tem uma Barbie em promoção por R\$2,00, não vou comprar”. [...] eu cresci pensando nisso: “o dia que eu

tiver dinheiro qualquer coisa que eu tiver desejo de comprar e tiver dentro do meu 'alcance', né, assim entre aspas, não saio comprando um carro porque eu não tenho, mas tipo eu quero comprar uma blusa, eu quero comprar uma calça, eu quero comprar um tênis, [...] eu vou porque eu sou assim, quando eu tenho vontade eu preciso comprar”.

[...] ele sempre foi um cara que guardou muito dinheiro, mas nunca soube investir, **literalmente pra ele guardar dinheiro era assim: R\$0,50 vai fazer diferença.** [...] Ele era autônomo, mas daí numa fase da vida dele ele não ganhava mais dinheiro, ele só gastava, não entrava mais dinheiro, então tudo que ele tinha ele tinha juntado por anos tudo que ele tinha no banco por anos ele foi perdendo [...] e ele foi uma pessoa assim, que durante a vida inteira não comprava nada, pra ele eu acho que podia ser só uma casa com um colchão porque ele sempre foi assim de não acumular bens materiais (Vanessa, grifo nosso)

Estas falas da Vanessa são exemplos do que foi dito por Lunt e Furnham (1996 apud LAUER-LEITE *et al.*, 2010) sobre os pais apresentarem aos seus filhos suas próprias crenças sobre economia, através de recompensas e sanções, tanto que em falas posteriores Vanessa se refere a economizar como sinônimo do que o pai considerava que era o significado de “guardar dinheiro”.

Já para a entrevistada Marcela são as lembranças da mãe que estão presentes: “[...] a minha mãe muito consumista, a minha mãe sempre foi muito de trabalhar, mas de gastar muito comprando coisas que ela comprava da rua, [...] A minha mãe sempre tinha os carnêzinhos do que ela gastava comprando...”. Essa entrevistada também trouxe uma fala que ela mesma considera “curiosa” sobre as atitudes da mãe:

E o mais curioso dessa questão financeira é que quando eu era pequena eu lembro que a minha mãe mentia pro meu pai em relação as coisas que ela gastava, então como ela era muito consumista, o meu pai chegava em casa e ela tava com as coisas em casa e ela mentia que tinha ganhado [...] ela sempre camuflava pra não falar que tinha gastado senão meu pai brigava com ela porque normalmente eram gastos não tão necessários e depois que meu pai não tava mais com a gente [...] ela sempre foi de mentir pra mim também, tanto que até hoje ela faz isso, mesmo a gente não morando mais junto ela sempre tenta camuflar pra não contar que gastou. (Marcela)

então perguntei se ela considera que os hábitos da mãe a influenciaram de alguma forma ao lidar com dinheiro e ela respondeu que não: “eu tive 50, 50, tive um mau exemplo dela muito consumista, mas eu tive o meu pai que era muito de segurar o dinheiro [...] eu tenho muito mais do meu pai nesse sentido do que da minha mãe”. (Marcela)

Ao contrário de Julia que trouxe lembranças das economias do pai e do avô, pessoas que ela tem como exemplo:

o meu avô [...] tinha um caderno, ele sempre anotava, ele tinha uma poupança na Caixa e sempre anotava o que ele guardava, não lembro valores, mas eu sei que ele sempre juntava... e o pai também, o pai sempre foi de juntar dinheiro, ele trabalhava por conta, então... [...] ele gostava de passar o verão na praia então ele juntava todo mês, toda obra que ele tinha ele juntava aquele dinheiro pra passar o verão todo na praia e não ter voltar pra trabalhar então ele juntava sei lá uns 5 ou 6 mil do ano todo pra passar bem na praia [...] ou ele ficava aqui e a mãe ficava lá (na praia) sozinha porque quando tinha o vô e a vô ele ia só os fins de semana pra praia. (Julia)

Ainda na socialização econômica, no que se refere aos ensinamentos dos pais passados às crianças, Alessandra e Murilo afirmaram que os pais incentivavam a não gastar todo dinheiro e guardar: “Sempre lembro dos meus pais falando sobre ter dinheiro na poupança.” (Alessandra); “[...] meu pai me ensinou que se eu sempre guardasse um pouco do que eu ganhava, eu sempre ia ter dinheiro quando precisasse” (Murilo). Também na fala de Julia:

[...] acho que a gente tinha essa educação assim de... não era um poupar uau! nunca foi, mas tinha aquele... a mesadinha do vô que vinha [...] ou então sempre que eu ia na feira com a mãe sobrava as moedas e eu guardava no meu cofrinho. [...] quando eu comecei a trabalhar também com 14 anos a mãe falou assim: “sempre tenta juntar um dinheirinho” (Julia)

Outra ferramenta possível de ser utilizada na socialização econômica é a prática de dar “mesada”. Segundo Baele e Vlerick (2000, p. 37 apud LELLIS, 2007, p. 32) a mesada é “um dinheiro dado regularmente à criança, com valor fixo e data fixa, sobre o qual a criança tem controle e é um dinheiro que pode ser gasto imediatamente ou pode ser poupado para comprar algo muito grande e muito caro”. Dos nossos entrevistados alguns recebiam, outros não, como no caso da Julia: “[...] o vô mandava mesada [...] acho que era uns 20 pila, mas os 20 pila não era o dinheiro do cofre, os 20 pila era ‘ah, vou no centro com a mãe e tem que comprar algum material de escola, algum joguinho, algum livro pra escola” e da Mariana: “a mãe dava assim era no sábado que o sábado era a faxina que tinha que fazer que aí quem faxinasse ela dava alguma coisa (algum dinheiro)”. Ao contrário de Marcela: “[...] nunca tive mesada. A única coisa que eu lembro que o meu irmão quando ia me visitar que é quinze anos mais velho que eu, eu lembro que às vezes ele me dava um dinheiro e eu ficava faceira”. Já no caso de Luciana: “a mãe fazia o seguinte, pra nos incentivar a vender (os pães que ela fazia) [...] começou a nos dar tipo... sei lá, nem lembro o valor que era só sei que ela dava um pouco pra gente guardar e a gente guardava”. E também

Murilo: “eu ganhava mais dos meus parentes do interior em datas comemorativas só, mesada mesmo não ganhava muito, era só às vezes que ganhava um pouquinho”.

Esse apanhado de falas mostra que a mesada não era uma prática recorrente e, portanto, mesmo os familiares que incentivavam a guardar dinheiro não utilizavam desse recurso, de repente por falta de disponibilidade no orçamento familiar para promover esse “repasse” aos filhos ou por receio de que eles não utilizariam de forma apropriada aquele recurso escasso.

5.3 RELAÇÃO COM O DINHEIRO

Quando perguntados sobre sua relação com o dinheiro alguns entrevistados se intitularam “mão de vaca”, termo comumente usado para designar pessoas que evitam ao máximo gastar dinheiro. Algumas falas que evidenciam esse termo foram as da Marcela: “eu me considero assim... eu sou bem mão de vaca até, em questão de gastos”, de Luciana:

bah, se eu tiver que comprar alguma coisa...eu, pra mim tudo é caro, eu acho assim ‘bah não tem como eu fazer isso aí?’ porque se tiver como eu fazer aquilo, eu vou fazer aquilo ali, eu não vou pagar, entendeu. [...] por mais que eu tenha hoje condições de comprar algo, eu... bah eu penso milhões de vezes. (Luciana)

e do Murilo: “eu sou bem mais mão fechada que eles (os pais). Eles até brigam comigo por eu ser tão mesquinho com as coisas”.

Um fato que surgiu é que mesmo sendo “mão de vaca” com relação a gastos, no caso de Marcela ela afirmou que adquiriu o hábito de guardar já na vida adulta por causa de um objetivo: “eu comecei a ter esse hábito agora, [...] de um ano e meio há dois anos eu comecei a guardar dinheiro, guardar dinheiro pra valer [...], mas isso eu tô falando agora depois dos 27 anos, de 27 pra trás eu nunca tinha guardado dinheiro”. Isso mostra que algumas pessoas podem lidar de formas diferentes com o dinheiro que recebem: podem gastar mais do que ganham (podendo chegar ao endividamento), podem gastar tudo o que recebem, não se endividar, mas também não guardar nada ou podem gastar menos do que recebem e guardar um montante.

Sobre o hábito de guardar Luciana disse: “se eu não tiver guardando dinheiro parece que eu não tô fazendo o negócio direito” e Murilo afirmou algo parecido: “parece que se eu não guardar um pouco eu tô me sabotando e não tô progredindo (risos)”, mas quando questionados sobre a necessidade de ter um objetivo em mente

não houve um consenso entre os entrevistados, pois Luciana disse que “[...] pra mim como sempre foi uma coisa meio que normal, desde sempre [...] eu não deixo de fazer... guardar quando eu tenho um objetivo ou não, porque a minha necessidade é guardar”, já para Julia:

[...] eu não guardava muito, só comprava as coisas, mas eu também não tinha objetivo, não precisava ajudar em casa [...] não ter que ajudar me fez não ter um objetivo, sabe, não ter uma responsabilidade com aquele dinheiro [...] do ano passado pra cá que eu criei um objetivo na minha cabeça que é comprar um apartamento e agora eu estou conseguindo guardar, todo mês. Às vezes, logo no início do ano teve mês que eu não consegui aí no outro mês eu tentei botar mais. (Julia)

assim como Marcela:

[...] comecei a guardar dinheiro pra valer e aí eu coloquei isso como regra naquela questão do tanto por cento do salário eu vou guardar por um objetivo X que era o carro [...] agora o meu pensamento é: não importa o que eu tenha, no meu orçamento eu tenho que considerar um valor como se fosse morto pra me pagar, pra uma coisa que eu posso nem saber bem o que é, mas eu tenho que me pagar pra eu ter uma segurança. (Marcela)

e Mariana, que queria sair de casa, mas também tinha o sonho de fazer uma cirurgia estética numa região que a incomodava muito e não sabia por onde começar a agir para realizar esse sonho:

No serviço anterior a esse eu comecei (a guardar), porque daí eu vi, eu comecei a pensar mais que eu tinha que ter meu canto, que a minha casa era uma pensão e aí eu não aguentava os guris (os irmãos) e eu pensava “ai eu tenho que ter meu canto” eu queria sair aí eu comecei... e eu tinha, eu sempre tive o sonho também da minha cirurgia que era uma coisa que me incomodava muito então eu focava, uma coisa ou outra, eu queria juntar de qualquer jeito. (Mariana)

E tu guardou todo dinheiro da cirurgia em casa? (Jéssica)

Não, não tudo, guardei a metade eu acho, mas só que ainda custou muito tempo, foi depois que eu vim pra cá (empresa atual), parece que eu já tinha... foi em 2011, aí depois de um ano que eu foquei mais, aí que eu comentei com uma colega e ela me deu o empurrão 'não, tu tem que ter foco, tu tem que mudar...' desde uma pasta de dente eu comprava a mais barata, 'tu tem que focar que tu tem que poupar' então tudo aí eu parei, não comprava uma bala. É que antes eu queria, mas ao mesmo tempo não tinha aquele foco, sabe. (Mariana)

Era distante, como um sonho distante? (Jéssica)

É parece que eu nunca ia conseguir realizar, fazia por conta própria, fui no (nome do hospital) que eu paguei só pra avaliação eu paguei R\$40 que era uma coisa que pelo menos eu queria ter uma noção do que eu ia precisar. Eu não tinha noção de médico, nada, como é que eu ia realizar isso aí? e aí a colega com que eu comentei me ajudou (porque vivia fazendo cirurgia). (Mariana)

As atitudes descritas por Julia, Marcela e Mariana corroboram com Soman e Zhao (2011) quando estes apontam que a definição de uma única meta pode ser mais produtiva em termos de economia feita do que se tivessem várias metas de economizar.

Já a visão de Vanessa sobre guardar dinheiro é outra:

[...] tá, eu vou economizar dinheiro, mas pra que que eu vou economizar? Eu vou... tá rentabilizando essa economia que eu tô fazendo? Porque senão volta a ser que nem o meu pai, sabe essa questão justamente de eu não ver o tangível pra mim é tipo: pra que eu eu tô guardando mesmo? [...] eu preciso parece ver, então se a gente não vai gastar dinheiro me diz tangivelmente aonde que vai isso, sabe.

[...] se eu tivesse um objetivo bem tangível, uma coisa que eu quisesse muito de vida, eu tentaria (guardar) [...] se eu tivesse um pouco mais de dinheiro possível pra sobrar e eu quisesse muito algo eu acho que até me esforçaria pra guardar. (Vanessa)

inclusive Vanessa diz que se considera consumista:

Eu acho que a consumista que eu sou hoje vem desse passado de nunca ter, nunca poder, do meu pai mesmo... se fosse por uma questão de ele não ter (dinheiro) eu teria uma percepção diferente, eu entenderia assim "ah ele não tinha então ele não comprava porque ele não tinha", mas era o contrário, ele sempre teve e nunca me deu (risos) então eu acho que eu cresci com um pouco dessa coisa assim: o dia que eu tiver vontade eu vou comprar, eu vou comprar, eu vou comprar... sabe, tipo assim, eu tenho lembranças assim muito... de mercado, daquela parte do mercado em que é quando tu vai pagar no caixa que tem os chocolates, tem aquelas coisas assim... hoje em dia, eu sou assim, eu sou tipo consumista que pra quem pensa em gôndolas, que a galera do marketing coloca pra ti consumir ali na frente, eu sou refém disso, sempre que eu vou pagar, sempre que a gente tá comprando, eu sempre pego algum chocolate, alguma bala, alguma coisa porque isso me marcava muito... quando eu era criança eu sempre quis pegar e "nem pensar, não, não, não". (Vanessa)

Uma hipótese para o consumismo da Vanessa ou da mãe da Marcela pode ser o consumo pautado no prazer emocional "imaginativo" descrito por Bragaglia (2010) onde

o consumidor lançando-se ao consumo das mais variadas "novidades" para compensar problemas que o importunam (o sujeito decide passar no shopping após ter ocorrido falha "letal" em seu computador quando corria contra o tempo para entregar a tese de doutorado, problema que resolverá assim que voltar de seu "momento consumista de descarrego"); ou lançando-se à mesma onda de consumo principalmente no intuito de viver a ilusão de que tudo está bem, quando, na verdade, não está, exercendo espécie de fuga dos problemas pelo consumo, pois, depois das compras, não se propõe a adotar as ações que de fato solucionarão o seu incômodo (a pessoa que, em vez de adotar posturas que de fato resolvam a frustração de se sentir sozinha ou sem reconhecimento no trabalho, como fazer curso de capacitação profissional ou mudar a rotina do fim de semana de apenas ficar em casa assistindo a filmes, conforma-se com o sentimento ilusório de que alcançará isso a partir da nova peça de roupa que comprou, pois a mesma a deixou mais bonita e com aparência mais segura). (BRAGAGLIA, 2010, p. 111)

5.4 FUTURO E APOSENTADORIA

Depois de passarmos pela infância, pela fase do desenvolvimento e a vida adulta dos participantes, conversamos sobre objetivos financeiros para o futuro e sobre a aposentadoria. Em falas destacadas anteriormente as entrevistadas Julia, Marcela e Luciana afirmaram que atualmente estão guardando dinheiro para objetivos futuros mesmo que ainda incertos, com exceção de Julia que tem como meta comprar um apartamento, mas que ainda não estão guardando para a aposentadoria. Vanessa diz não ter planos futuros por ainda ser estagiária e não ganhar o suficiente para poder guardar uma parte e acredita que a aposentadoria é mais importante em países como o Brasil: “no Brasil é muito importante a gente se preocupar com a aposentadoria, né, porque a gente vê o sofrimento que é pra galera se aposentar [...] no Brasil ou a gente envelhece bem, bem assim financeiramente, bem de saúde, ou...”, mas pensa em morar em algum país da Europa e ter a qualidade de vida que se tem lá: “eu acho que, de repente, eu não fico tão preocupada porque eu tenho essa meta de morar fora e eu sei que fora a qualidade de vida é diferente”. Essa questão levantada por Vanessa sobre a qualidade de vida que se tem no Brasil evidencia a discussão sobre o contexto atual do Brasil exposta no item 5.1.

Alessandra e Murilo foram os únicos que afirmaram estarem preocupados com a aposentadoria. “Estou focando em guardar pra aposentadoria no momento...” (Alessandra), mas ao perguntar se ela está conseguindo manter o foco: “Não, tenho um dinheiro investido em renda variável, que tá me tirando o sono... mas tô colocando alguns trocados na renda fixa... mas nada significativo” (Alessandra) então perguntei o que ela acha que torna mais difícil para conseguir guardar e a resposta foi: “o valor das coisas versus o valor do meu salário”, o que parece corroborar com a visão de Vanessa sobre não ganhar o suficiente para conseguir guardar dinheiro. Já para Murilo:

Eu quando era pequeno queria comprar o meu apartamento próprio, graças a Deus consegui, depois que atingi esse sonho agora meu objetivo é atingir a independência financeira, trabalhar muito até chegar lá e depois ter uma aposentadoria tranquila. Estudando um pouco de finanças eu aprendi que é mais inteligente eu investir um pouco do que ganho do que apenas depender do INSS quando me aposentar (se eu me aposentar até lá). (Murilo)

Com base na fala anterior de Murilo questionei em que sentido ele se referia a “ser mais inteligente” e ele respondeu:

Em fazer o dinheiro trabalhar pra mim, usar os juros compostos a favor e não contra minhas economias. E não precisa guardar muito, como na fórmula (dos juros compostos) o tempo é exponencial, depois de certo tempo os juros são maiores que os próprios aportes em si.

Em 35 anos que hoje é o tempo que leva pra se aposentar, eu teria todo o montante e ainda mais os juros trabalhando por mim.

O INSS pegaria todo o montante pra ele e me daria parte dos juros só.

Os 35 anos que tu colabora com o INSS fica para o governo e tu não vê mais esse dinheiro, daí no final da vida quando tu te aposentar não vai ter esse montante na conta e vai receber só um ou dois salários mínimos. (Murilo)

então pensamos que o tema “educação financeira”, embora não seja nosso enfoque poderia ser abordado, já que não foi apenas Murilo que tocou nesse assunto e, também, por supor que o conteúdo da fala dele não é de conhecimento de muitas pessoas.

5.5 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

De fato, estamos supondo tal afirmação também pelas falas das outras entrevistadas, pois o conhecimento sobre juros e rendimentos ainda é um assunto que traz dúvidas e também receios, como a Julia, que começou a guardar dinheiro no cofre que seu pai tem em casa: “eu deixava com o pai, mesmo não rendendo eu preferia deixar com o pai porque se eu visse o dinheiro (na minha conta) eu ia gastar então nos primeiros meses mesmo não rendendo nada e podendo desvalorizar o dinheiro eu preferia deixar no cofre”, mas que depois que soube da existência da opção “guardar” da conta digital que ela possuía passou a depositar o dinheiro nessa conta:

quando eu fui ver tinha a opção de “guardar” no Nubank que daí tu guarda e ele não aparece como teu saldo e rende mais que a poupança (100% CDI) e aí pra tu guardar tem a opção ‘guardar até quando’ e ele vai render mais que o CDI, por exemplo, se eu guardar por um ano ele rende 112% CDI, mas pra mim vale mais a pena ter o valor ali rendendo 100% CDI do que ter uma parte rendendo por um ano e daqui a pouco eu precisar e não poder sacar. (Julia)

Marcela conta que um facilitador para ela amadurecer sua visão sobre dinheiro foram alguns canais sobre finanças pessoais na plataforma Youtube:

eu mudei muito a minha visão foi também acho que de uns dois anos para cá com a questão dos acessos aos canais do Me Poupe! Que foi um canal que mexeu bastante comigo sobre essa questão de economizar. Tem um outro jornalista economista que eu sigo também que é o Everton, ele fez uma palestra lá na (nome da imobiliária) uma vez e com aquela palestra ele mexeu bastante comigo então eu fui vendo canais de finanças pessoais, alguns coaches que eu sigo no Instagram, Wendel Carvalho que fala sobre objetivos que também me influenciou bastante então foi assim um caminho de

influências externas com amadurecimento também da minha mente nesse sentido de finanças. (Marcela)

Para finalizar a seção de resultados é possível perceber com o auxílio do breve apanhado histórico do qual o Brasil foi protagonista que a relação com o dinheiro e com o poupar ou não além de ser influenciada pela cultura, pela família e pelo meio onde se vive, se estabelece em um contexto mais amplo que sofre as mais diversas interferências e compreende-se que as tomadas de decisão enquanto comportamentos referentes ao dinheiro são ainda mais complexas do que as apresentadas pelos entrevistados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desse trabalho de conclusão de curso era tomar conhecimento sobre os aspectos subjetivos que envolvem a tomada de decisão enquanto um comportamento que é influenciado por diversas particularidades como o contexto político, cultural e socioeconômico onde as pessoas vivem e o atingimos de forma muito satisfatória através da colaboração dos entrevistados. Em nossas conversas foi possível reconhecer aspectos envolvidos na tomada de decisão desses jovens quanto ao seu dinheiro e os vários sentidos atribuídos a ele, também foi possível reconhecer as dimensões psicossociais envolvidas na decisão de poupar como o meio onde vivem, a cultura, o contexto econômico e principalmente no que se refere a presença simbólica da família, seja nos exemplos ou nos ensinamentos passados aos filhos, e também no sentido contrário ao de poupar.

Ao conversar com os entrevistados ficou evidente a presença da família na construção da relação com o dinheiro e dos vários sentidos atribuídos a ele principalmente no período da primeira socialização onde as crianças espelham seus comportamentos nos exemplos dos adultos mais próximos. No que diz respeito à nossa pesquisa alguns exemplos apontados se referem a economizar, valorizar o dinheiro e o trabalho envolvido para a conquista dele, saber que se trata de um recurso escasso e que, por isso, não é bom esbanjar e até mesmo exemplos de avareza e de consumismo.

Ao refletir sobre os significados atribuídos ao dinheiro, alguns entrevistados o consideram um meio para conquistar bens materiais ou realizar sonhos, mas também o veem como a recompensa de um desafio, o desafio de resistir ao consumo em prol de algo que se deseja; tais significados, em alguns casos, foram desenvolvidos com o auxílio do contexto familiar, porém em outros casos a influência da família esteve associada a uma relação negativa, conflituosa e infrutífera com o dinheiro, que não favoreceu o desenvolvimento de hábitos “saudáveis” quanto ao uso do dele, mas não podemos esquecer que esses “hábitos saudáveis” (economizar, não esbanjar, investir, guardar para aposentadoria...) se referem ao contexto brasileiro porque como foi dito anteriormente a situação atual do Brasil principalmente quanto ao trabalho e seguridade social de certa forma incute nas pessoas a necessidade e a preocupação em rever seus comportamentos quanto ao dinheiro ao contrário de outros países em que o estado provê condições favoráveis ao bem-estar social e que portanto as

peças não precisam ter uma maior preocupação em se precaver para o futuro (seja uma doença, um infortúnio ou mesmo a sonhada aposentadoria).

Com relação às metas e objetivos para o futuro alguns entrevistados relataram que se sentem motivados a nadar contra a maré do consumismo em busca dos seus sonhos, mas reconhecem que às vezes precisam se esforçar para manter o foco, e mais uma vez podemos citar o contexto econômico atual já que as taxas de juros para empréstimos e financiamentos são muito mais altas do que as taxas da maioria dos investimentos, o que torna mais demorado o retorno financeiro destes e isso também foi um ponto levantado pelos entrevistados: a necessidade de se ter alguns conhecimentos sobre finanças. Alguns jovens até trouxeram exemplos de aplicações de alguns conhecimentos básicos para ter um melhor retorno financeiro no momento da sua aposentadoria (e um dos motivos para esse esforço é a incerteza quanto ao futuro no que se refere ao benefício da aposentadoria relativo ao tempo de contribuição social).

A execução deste trabalho foi de enorme valia para expandir nossos horizontes acerca dos fatores envolvidos no comportamento dos jovens quanto ao dinheiro e tudo que o cerca já que anteriormente não tínhamos noção da dimensão dessas discussões. Ao tomar conhecimento sobre o desenvolvimento do pensamento econômico iniciando com a socialização promovida pela família, seguindo com os significados atribuídos ao dinheiro ainda na infância e posteriormente na adolescência, perceber que após essa fase surgem as incertezas da vida adulta quanto ao trabalho, sonhos, metas e objetivos financeiros e constatar que se até esse momento não foi preciso se preocupar em lidar com dinheiro, a partir dessa fase da vida será fundamental notar e identificar os fatores subjetivos trazidos na sua bagagem psicoafetiva e simbólica no que se refere a poupar, gastar, investir, guardar e o que mais for possível fazer com o dinheiro nos faz desejar que mais pessoas discutam sobre seus comportamentos frente ao dinheiro e analisem de onde eles surgiram e de que forma influenciam a sua vida atualmente, e mais do que isso, de que forma podem melhorar sua relação com ele.

Esperamos que este trabalho contribua com estudos sobre o hábito de economizar através do enfoque aos fatores psicológicos na medida em que as pessoas possam avaliar os significados que dão ao dinheiro e as dimensões psicossociais em que ele está envolvido e que isso as permita desenvolver formas de fazer do dinheiro um aliado na conquista de seus sonhos, se esse for o seu desejo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, V. C.; ALMEIDA, V. S.; PEREIRA, G. T. J. Tomada de decisão em empresa familiar: desafios diários entre a racionalidade instrumental e a racionalidade substantiva. **Revista Inovare** – CESCAGE. 27. ed., jan./jul. 2019. Disponível em: <http://www.cescage.com.br/revistas/index.php/Innovare/article/view/974>. Acesso em: 20 mai. 2021.
- BAELE, A.; VLERICK, P. **Pocket Money and saving behaviour of children: A qualitative study**. In: IAREP/SABE, p. 35-39, Baden: SABE, 2000.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais (Conteúdo Básico)**, 2013. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 03 mar. 2021.
- _____. **Endividamento de Risco no Brasil**. Série Cidadania Financeira: Estudos sobre Educação, Proteção e Inclusão, 6. ed., jun. 2020. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/serie_cidadania/serie_cidadania_financeira_6_endividamento_risco.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMEISTER, R. F. Yielding to temptation: Self-control failure, impulsive purchasing, and consumer behavior. **Journal of Consumer Research**, v. 28, n. 4, p. 670-676, 2002. Disponível em: http://www-personal.umich.edu/~prestos/Downloads/DC/10-28_Baumeister2002.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.
- BAUMEISTER, R. F. *et al.* Ego Depletion: Is the Active Self a Limited Resource?. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, p. 1252-1265, jun. 1998. Disponível em: [https://faculty.washington.edu/jdb/345/345%20Articles/Baumeister%20et%20al.%20\(1998\).pdf](https://faculty.washington.edu/jdb/345/345%20Articles/Baumeister%20et%20al.%20(1998).pdf). Acesso em: 02 maio 2021.
- BNDES. **A economia brasileira nos anos 90**. 1999. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2972/1/1999_A%20economia%20brasileira%20nos%20anos%2090_P.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021
- _____. **A economia brasileira: conquistas dos últimos 10 anos e perspectivas para o futuro**. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/961/1/A%20economia%20brasileira-conquistas%20dos%20ultimos%20dez%20anos%20_P-final_BD.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021

BRAGAGLIA, A. P. Comportamentos de consumo na contemporaneidade. **Comunicação, mídia e consumo**, [s.l.], v. 7, n. 19, p. 107-124, 2010. <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v7i19.197>. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/197/195>. Acesso em: 14 mar. 2021.

BOUDON, R. Individualisme et holisme dans les Sciences Sociales. *In*: BIRNBAUM, P.; LECA, J. (dirs.). **Sur l'individualisme**. Paris: Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1991.

CENCI, C. M. B.; HABIGZANG, L. F. Relações entre significado, manejo do dinheiro e qualidade conjugal no início do ciclo familiar. **Revista de Psicologia da IMED**, 7(2) p. 16-25, dez. 2015. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/download/1195/778>. Acesso em: 27 abr. 2021.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DIEESE. **Política de valorização do salário mínimo**: salário mínimo de 2013 será de R\$678,00. Nota técnica n. 118, dez. 2012. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2012/notaTec118salarioMinimo2013.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2021.

FERREIRA, V. R. M. **Psicologia Econômica**: origens, modelos, propostas. Orientador: Maria do Carmo Guedes. 2007. 327f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. PUC-SP, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17173/1/Vera%20Rita%20de%20Mello%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

_____. **Psicologia Econômica**: Estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FURNHAM, A.; ARGYLE, M. **The Psychology of money**. London: Routledge, 1998.

GOMES, C. **Antecedentes do capitalismo**. 2008. Disponível em: <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/>. Acesso em: 05 maio 2021.

GRANJA, M. C. L. **O mundo econômico da criança**: uma investigação psicológica sobre o dinheiro. Dissertação (Mestrado em Psicologia). 2012, 151 f. UFPE, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11266/1/Granja%2c%20Maria%20Carolina%20Lopes%20%282012%29.%20O%20mundo%20econ%2c%20b4mico%20da%20crian%2c%20a7a.%20Disserta%2c%20a7%2c%20a3o%20de%20Mestrado.pdf>. Acesso em: 05 maio 2021.

HERSHFIELD, H. E. *et al.* Increasing saving behavior through ageprogressed renderings of the future self. **Journal of Marketing Research**, v. 48, n. SPL, p. S23-

S37, 2011. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3949005/pdf/nihms550109.pdf>.

Acesso em: 29 abr. 2021.

HOCH, S. J.; LOEWENSTEIN, G. F. Time-inconsistent preferences and consumer selfcontrol. **Journal of Consumer Research**, v. 17, p. 492-507, mar. 1991.

<https://doi.org/10.1086/208573>. Disponível em:

<https://academic.oup.com/jcr/article/17/4/492/1797243>. Acesso em: 30 abr. 2021.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais 2000**. Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica v. 5. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv7191.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

INAE. **Pobreza no Brasil: O que mudou nos últimos 30 anos?**. 2004. Disponível em:

<https://www.inae.org.br/wp-content/uploads/2015/04/EP0083.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect Theory: An analysis of decision under risk.

Econometrica, v. 47, n. 2., p. 263 – 292, mar., 1979. Disponível em:

<https://www.uzh.ch/cmsssl/suz/dam/jcr:00000000-64a0-5b1c-0000-00003b7ec704/10.05-kahneman-tversky-79.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

KIRCHLER, E.; HÖLZL, E. Economic psychology. In: COOPER, C.L.; ROBERTSON, I.T. **International review of industrial and organization psychology**. 2003, West Sussex: John Wiley & Sons, v. 18, p. 29-80, 2003. Disponível em:

<https://lesacreduprintemps19.files.wordpress.com/2012/02/internationalreviewofindustrialandorganizationalpsychologyvol18-caryl-cooper.pdf>. Acesso em: 02 maio 2021.

LAUER-LEITE, I. D. *et al.* Socialização econômica: conhecendo o mundo econômico das crianças. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 15, n. 2, p. 144-152, ago. 2010.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2010000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 mar. 2021.

_____. Valores Humanos e Significado do Dinheiro: Um Estudo Correlacional.

Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 1, p. 15-25, jan./mar. 2014. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/12243/11405>.

Acesso em: 25 abr. 2021.

LELLIS, I. L. **Crenças parentais quanto à mesada**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Orientadora: Celina Maria Colino Magalhães. UFPA, Belém, 2007.

Disponível em:

http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/bitstream/2011/1913/1/Dissertacao_CrençasParentaisMesada.pdf . Acesso em: 25 abr. 2021.

LEWIS, A.; WEBLEY, P.; FURNHAM, A. **The new economic mind**. New Jersey: Prentice Hall, 1995.

LIMA, M. V. Um estudo sobre finanças comportamentais. **RAE-eletrônica**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/raeel/v2n1/v2n1a03.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

LUCENA, W. G. L.; MARINHO, R. A. L. **Competências financeiras**: uma análise das decisões financeiras dos discentes no tocante as finanças pessoais. XVI SemeAD – Seminários em Administração, out. 2013. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/16semead/resultado/trabalhosPDF/696.pdf>. Acesso em: 18 maio 2021.

LUNT, P.; FURNHAM, A. **Economic socialization**. London: Elgar, 1996.

MEIRELLES, V. M. **Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). PUC-SP, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/15216/1/Valeria%20Maria%20Meirelles.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

MOREIRA, A. S. **Valores e Dinheiros**: Um estudo transcultural das relações entre prioridades de valores e significado do dinheiro para os Indivíduos. Tese de doutorado. Universidade de Brasília – Brasília-DF. 2000.

_____. Dinheiro no Brasil: um estudo comparativo do significado do dinheiro entre as regiões geográficas brasileiras. **Estud. psicol.** Natal-RN, v.7, n. 2, jul./dez. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200019&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 25 abr. 2021.

MOTTA, F. C. P.; VASCONCELOS, I. G. **Teoria geral da administração**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2006.

MURAVEN, M.; BAUMEISTER, R. F.; TICE, D. M. Self-Control as Limited Resource: Regulatory Depletion Patterns. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, p. 774-789, mar. 1998.

_____. Longitudinal Improvement of Self-Regulation through Practice: Building Self-Control through Repeated Exercise. **Journal of Social Psychology**, v. 139, p. 446-457, ago. 1999.

NEVES, L. A. Memória e história: potencialidades da história oral. **Revista ArtCultura**. Uberlândia-MG, v. 5, n. 6, p. 27-38, jan./jun. 2003.

PARENTE, J. G. *et al.* **Aspectos comportamentais no hábito de poupar em adultos jovens**: uma comparação entre alta e baixa renda. XVI SemeAD – Seminários em Administração, out. 2013. Disponível em: http://sistema.semead.com.br/16semead/resultado/an_resumo.asp?cod_trabalho=481. Acesso em: 25 abr. 2021.

PEREIRA, M. J. L. B.; FONSECA, J. G. **Faces da decisão**: Abordagem sistêmica do processo decisório. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

PRADO, M. F. **A influência de fatores psicológicos e comportamentais no risco de crédito**: uma abordagem à luz da psicologia econômica. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Gestão e Negócios. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/11976/1/d.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.

RIBEIRO, R. B. *et al.* A procura do consumo financeiramente sustentável: Socialização e representações sociais do consumo, crédito e poupança. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 101, p. 65 – 88, set. 2013. <https://doi.org/10.4000/rccs.5363>. Disponível em: <https://doaj.org/article/24e5557f558947a3b3f7b50c33a51369?frbrVersion=2>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ROMAN, D. J.; MARCHI, J. J.; ERDMANN, R. H. A abordagem qualitativa na pesquisa em administração da produção no Brasil. **REGE - Revista de Gestão**, São Paulo – SP, v. 20, n. 1, p. 131-144, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rege/article/download/62026/64867/80515>. Acesso em: 19 maio 2021.

SILVA, A. S. Consumo e endividamento: Uma avaliação da conduta econômica inspirada no modelo de Van Raaij. **Revista De Estudos Sociais**, [s. l.], v. 21, n. 42, p. 35-62, 2019. DOI: 10.19093/res7155. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/7155>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SILVA, S. R. *et al.* **Educação Financeira Pessoal**: Como a falta de instrução sobre finanças pessoais interfere no comportamento financeiro dos graduandos em Administração e Economia. *In*: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 44., 2020, on-line. Anais eletrônicos [...]. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2020. Disponível em: http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=Mjc4MzQ=. Acesso em: 13 mar. 2021.

SIMMEL, G. **The Philosophy of Money**. 3. ed. ampliada. New York: Routledge. 2007.

SIMON, H. A. **Administrative Behavior**: A Study of Decision-Making Processes in Administrative Organizations. New York: The Macmillan Company, 1947.

_____. **New science of management decision**. New York: Harper, 1960.

SIMON, H. A.; NEWELL, A. **Human Problem Solving**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1972.

SIMON, H. A.; MARCH, J.G. **Organizations**. New York: John Wiley and Sons, 1958

SOMAN, D.; ZHAO, M. The Fewer the Better: Number of Goals and Savings Behavior. **Journal of Marketing Research**, v. 48, p. 944-957, dez. 2011.

<https://doi.org/10.1509/jmr.10.0250>. Disponível em:
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1509/jmr.10.0250#>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SOUZA, E. M. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa**

organizacional: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: Edufes. 2014.

Disponível em:

<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/939/1/livro%20edufes%20Metodologias%20e%20anal%3%adticas%20qualitativas%20em%20pesquisa%20organizacional.pdf>.

Acesso em: 06 maio 2021.

TOLÓI, M.D.C. **Filhos do divórcio**: como compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e na separação. 2006, 173p. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de estudos pós-graduados em Psicologia Clínica. PUC-SP, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-34938/filhos-do-divorcio--como-compreendem-e-enfrentam-conflitos-conjugais-no-casamento-e-na-separacao>. Acesso em: 30 abr. 2021.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

YOSHINAGA, C. E. *et al.* Uma introdução às finanças comportamentais. **REGE - Revista de Gestão**, [s. l.], v. 15, n. 3, p. 25-35, 2008. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36644>. Acesso em: 20 maio 2021.

APÊNDICE I - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1- Qual a sua idade e formação escolar?
- 2- Como foi a sua infância com relação a poupar?
- 3- Como era a relação da sua família com o dinheiro?
- 4- Como é para você economizar dinheiro?
- 5- Como está sendo poupar atualmente com relação às incertezas, alta dos preços?

ANEXO I - TERMOS DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, natural de _____, no estado de _____, e atualmente residente na cidade de _____, _____ BRASIL, declaro que participei da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso: UM ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTO DE JOVENS EM RELAÇÃO AO POUPAR OU NÃO SEU DINHEIRO, de JÉSSICA LOPES DOS SANTOS, brasileira, CPF 009.402.740-43, residente na RUA DOUTOR VOLTAIRE PIRES, 485/03, BAIRRO SANTO ANTÔNIO, PORTO ALEGRE.

Estou ciente de que esta pesquisa servirá unicamente para fins acadêmicos e informativos, e que como tal poderá ser constar em artigos científicos e livros, apresentada em encontros acadêmicos ou veiculada em matérias de jornais, revistas, rádio, televisão e internet.

Pela parte da pesquisadora, essa se compromete a citar toda e qualquer declaração feita pelo (a) entrevistado (a), sem alterar nenhuma declaração, nem cortá-la de forma a tirá-la do seu contexto original. Compromete-se também a omitir a identidade do (a) entrevistado (a), se essa for a sua vontade. Da mesma forma, a pesquisadora compromete-se a enviar o material editado ao entrevistado (a) para aprovação prévia a sua publicação.

Data: __/__/2021

Assinatura Entrevistado (a)

JÉSSICA LOPES DOS SANTOS

Pesquisadora

FERNANDA TARABAL LOPES

Orientadora